

As artes marciais e o desenvolvimento das virtudes: aproximações e distanciamentos entre *Aretê* e *Bushidô*

Martial arts and the development of virtues: approaches and distances between *Aretê* and *Bushido*

Thiago Farias da Fonseca Pimenta¹, Tiago Oviedo Frosi², Marcelo Alberto de Oliveira³, Fabio José Cardias-Gomes⁴

Como citar esse artigo. PIMENTA, T. F. F. FROSI, T. O. OLIVEIRA DE M. A. GOMES, F. J. C. As artes marciais e o desenvolvimento das virtudes: aproximações e distanciamentos entre *Aretê* e *Bushidô*. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 15, n. 1, Edição Especial, p. 01-11, Jan./Abr. 2024.



Resumo

Pensar sobre como as pessoas diferenciam o certo do errado, o justo do injusto, e o apropriado do inapropriado, são questões que têm perturbado pensadores antigos e modernos. A cultura clássica grega aspirava à *Aretê*, e seus mitos, perpetuados por Homero, forneciam exemplos a serem seguidos ou evitados. A cultura japonesa adotou o *Bushidô* como um acordo não escrito de estilo de vida. Este artigo procura destacar como e por que esses sistemas de aperfeiçoamento moral incorporaram as artes marciais como elementos formativos, focando especialmente em suas semelhanças. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico e uma análise histórica da *Aretê* e do *Bushidô*. Foi observado que, apesar das diferenças geográficas e temporais, a *Aretê* grega e o *Bushidô* japonês compartilham preocupações semelhantes, como: a inseparabilidade de corpo e espírito, o uso das artes marciais como meio de expressar virtudes e valores morais e a formação do cidadão.

Palavras-chave: Artes Marciais; *Aretê*; *Bushidô*.

Abstract

Thinking about how people differentiate right from wrong, fair from unfair, and appropriate from inappropriate, are questions that have disturbed ancient and modern thinkers. Classical Greek culture aspired to *Aretê*, and its myths, perpetuated by Homer, provided examples to be followed or avoided. Japanese culture has adopted *Bushido* as an unwritten lifestyle agreement. This article seeks to highlight how and why these systems of moral improvement incorporated martial arts as formative elements, focusing especially on their similarities. To this end, a bibliographical survey and a historical analysis of *Aretê* and *Bushido* were carried out. It was observed that, despite geographical and temporal differences, Greek *Aretê* and Japanese *Bushido* share similar concerns, such as: the inseparability of body and spirit, the use of martial arts as a means of expressing virtues and moral values and the formation of citizenship.

Keywords: Martial Arts; *Aretê*; *Bushido*.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Introdução

A história das civilizações mostra que nos últimos três milênios as manifestações físicas competitivas e o exercício físico estiveram, de alguma forma, atrelados ao desenvolvimento de valores morais. Enfatiza-se que o processo de educação para o esporte, no esporte e através do esporte deve ser um componente da formação da moralidade dos jovens (CYNARSKI, 2014; KOZDRAS, 2019; SZMYD, 2013).

Dentre as principais – e berço da forma ocidental de pensar – a sociedade grega clássica (helênica) tinha na educação pelo exercício físico e pela luta corporal um dos principais meios para evocar situações em que o indivíduo pudesse colocar em prática tais virtudes e a alcançar a perfeição humana.

Afiliação dos autores:

¹Doutor em Ciências da Motricidade pela Universidade Estadual Paulista – UNESP Rio Claro. Professor Adjunto do Departamento de Desportos Individuais do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.

²Doutorando em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Pesquisador Bolsista CAPES. Treinador da Equipe de Karate da UNI-CAMP, Campinas, São Paulo, Brasil.

³Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Pesquisador Bolsista CAPES, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

⁴Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – USP. Psicólogo CRP 22/01133 e Professor Adjunto na Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, Brasil.

Email de correspondência: thiago.pimenta@ufsm.br

Recebido em: 07/12/2023. Aceito em: 18/05/2024.

Similarmente a sociedade japonesa feudal trouxe valores e significados que ajudaram a pensar virtudes e o desenvolvimento humano. Portanto, torna-se fundamental o entendimento sobre a *Aretê*, a *Paideia* e o *Bushidô*.

Aretê e *Paideia* são conceitos gregos antigos de excelência e educação, respectivamente, eram fundamentais para a formação holística do indivíduo na Grécia Antiga. De maneira semelhante, o *Bushidô*, ou “caminho do guerreiro”, era um código seguido pelos *samurais* no Japão feudal, enfatizando o desenvolvimento moral e físico. Apesar da distância geográfica e cultural, todos esses termos valorizavam a prática do exercício físico, a luta corporal e a busca pela virtude e continuam a inspirar líderes e gestores até hoje.

Atualmente, no Brasil, a busca por uma pedagogia que forme cidadãos para o desenvolvimento do País enfrenta vários obstáculos. Entre eles estão: a) Desigualdades socioeconômicas, que resultam em falta de acesso igualitário à educação formal para todas as camadas da sociedade; b) Evasão escolar, com cerca de 88.631 mil crianças e adolescentes entre seis e 14 anos de idade fora das escolas; c) Analfabetismo, que afeta cerca de 6,8% da população acima de 15 anos, totalizando 11,3 milhões de pessoas; d) Falta de integração entre os diferentes níveis de ensino, como o infantil, fundamental, médio e superior; e) Inconsistência nos projetos e políticas públicas educacionais, com mudanças drásticas frequentemente ocorrendo com a troca de governo (RAMOS, 2023; RIBEIRO, 2020).

Nesta conjuntura, ao se pensar em modalidades esportivas, ou atividades físicas voltadas ao treinamento e preparação, seja de natureza propedêutica ou não, facilmente é possível convergir discursos voltados às virtudes, aos valores éticos, morais e à formação cidadã. A sociedade contemporânea força este discurso nas mídias, nas aulas de Educação Física, nos programas sociais, no esporte de formação e no desporto profissional. Mesmo muitos atletas estando longe de serem protótipos de comportamento, virtude e/ou estilo de vida, são, quase que imediatamente associados à modelos, exemplos a serem seguidos, tornam-se ídolos, e em muitos casos, “heróis”.

Logo, a pergunta central deste artigo é: existe algum padrão humano que permita relacionar exercício físico e luta corporal como “caminho” para a construção de uma pessoa perfeita?

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo busca evidenciar como tais sistemas de aprimoramento moral e cívico fizeram uso das lutas corporais como componentes de formação. Já os objetivos específicos são: i) descrever a educação na sociedade grega clássica, em especial sobre a *Aretê* e *Paideia*; ii) apresentar a educação na sociedade japonesa feudal, especialmente sobre o *Bushidô*; iii) apontar aproximações e distanciamentos entre essas duas sociedades.

O estudo da educação na sociedade grega clássica e na sociedade feudal japonesa é justificado em nossos dias por várias razões: a) Influência histórica: Ambas as sociedades tiveram uma influência significativa na formação de muitos aspectos da cultura e da filosofia modernas. A compreensão dessas influências pode nos ajudar a entender melhor o mundo atual; b) Valores universais: Muitos dos valores promovidos nessas sociedades, como a busca pela excelência (*Aretê*) e o código de conduta do guerreiro (*Bushidô*), são universais e ainda relevantes hoje; c) Educação holística: Ambas as sociedades enfatizavam uma abordagem holística da educação, valorizando tanto o desenvolvimento físico quanto o mental. Essa abordagem pode oferecer *insights* valiosos para a educação contemporânea; d) Inspiração para a liderança moderna: O *Bushidô*, em particular, é frequentemente citado como uma fonte de inspiração para gestores, empresários e líderes de equipe nos dias de hoje.

Metodologia

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. A coleta de dados foi realizada através de levantamento documental, ou seja, de material bibliográfico. As fontes deste estudo são, portanto, as chamadas “fontes de papel”, como teses, dissertações, artigos de periódicos acadêmicos e técnicos que tratam sobre *Aretê*, *Paideia*, *Budô* e *Bushidô*. A análise dos dados obtidos ocorreu através

do procedimento de Análise Documental (PIMENTEL, 2001), sob as lentes da História Cultural (BURKE, 2008), em que o diálogo com a sociologia e a antropologia se faz presente e contribui para revelar categorias como descontinuidades, reinvenções e revisionismo histórico, tensionamento e recomposição de identidades e de visões de mundo.

A sociedade grega clássica: *Aretê e Paideia*

O estudo das virtudes, buscar o Bem-Viver e como levá-la, foi uma preocupação central de pensadores do Ocidente e do Oriente na medida de suas diferenças. Contudo, no caso ocidental, a perspectiva de construção do Homem virtuoso perde seu papel central nas preocupações filosóficas no Iluminismo.

Neste pensamento, retomam-se as preocupações sobre a ética das virtudes, gradativamente no cenário da filosofia a partir de 1950. Existem indícios de que na Grécia Antiga as discussões sobre as virtudes foram centrais ao se tratar do problema do que seria o Bem-Viver, tendo em vista que “o dilema de se saber quais os traços que deveríamos cultivar (e como cultivá-los), para termos uma vida boa, ocupou as maiores mentes da Antiguidade” (SANTOS, 2022, p. 15), mas, afinal, o que seria a virtude? Ainda em acordo com autor “uma virtude é um traço de caráter excelente” (SANTOS, 2022, p. 13). Assim, uma pessoa virtuosa “é uma pessoa moralmente boa, excelente ou admirável que age e sente como deve” (SANTOS, 2022, p. 25).

Para Assunção (2018), certos valores eram esperados e exigidos do cidadão bom, belo e justo na cultura helênica. Podemos destacar alguns, como:

A coragem (*andréia*), a temperança (*sophrosýne*), a bondade (*praótes*), a liberdade (*eleutheriotes*), a verdade (*alétheia*), a reserva (*aidós*), a justa indignação (*gémesis*), a amizade e o amor (*phília*), a piedade (*eusébeia*) e a disciplina (*eutaxía*)” (ASSUNÇÃO, 2018, p. 53).

Os gregos do período clássico, evidentemente atribuíam significativa importância a educação para o ensino das virtudes com um conceito muito diferente do que temos atualmente. Contudo, ainda atrelado à objetivos atuais como a formação cidadã. É exatamente neste processo de formação onde se é possível observar a prática de exercícios físicos atrelada à formação de algo para além do próprio desenvolvimento físico ou motor.

Todavia, porque se acredita que o treinamento das qualidades físicas e motoras podem contribuir para o ideal de ser humano, homem e/ou cidadão? Jaeger (2001) afirma que a natureza do homem é possuidora de uma dupla estrutura: corpórea e espiritual e é exatamente nesta dupla estrutura criada: “condições especiais para manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais ao conjunto das quais damos o nome de educação” (JAEGER, 2001, p. 3). Ao fazer tal afirmação o autor está se referindo ao ideal de formação da Grécia Clássica, bem como sua trajetória histórica.

Certamente a forma como os gregos pensavam o produto final deste treinamento corporal era muito diferente do conceito atual. O desenvolvimento da força e de outras qualidades físicas e motoras partia de uma dimensão coletiva (SANTOS, 1997).

Desde cedo, os jovens da Grécia Antiga eram submetidos a uma educação onde a prática de exercícios e de atividades atléticas era muito importante. Esse tipo de atividade constituía aspecto importante do modelo educacional helênico, agregada aos ensinamentos intelectuais e espirituais, uma vez que para o antigo grego, corpo, mente e alma estavam intrinsecamente conectados, e essa conexão se manifestava através da música e do canto, que eram elementos essenciais para a formação humana completa (YALOURIS, 2004).

Nesse sistema educacional, era utilizado um princípio básico chamado de *Kalokaghatía*, pela qual

o homem deveria ter a beleza e a aptidão física (*Kalós*) que possuísse valor (*Agathós*) para a sociedade helênica. O espírito de luta é aqui o critério educativo fundamental, que abrange tanto o aspecto físico-esportivo quanto o cortês-oratório-musical, solicitando exercícios com a lira, dança e canto, remetendo também o jovem às práticas religiosas como “a leitura dos signos, os ritos do sacrifício, o culto dos deuses e dos heróis” (CAMBI, 1999, p. 77).

Neste sentido, para Platão e Aristóteles, a ética da virtude sempre enfatizou a importância da educação moral, não como a inculcação de regras, mas como o treinamento do caráter (SANTOS, 2022, p. 44). Portanto, para os gregos, a educação é um processo deliberado, não apenas verbal, mas também incorporado em ações corretas e impecáveis, envolvendo mãos, pés e espírito. Apenas esse tipo de educação pode ser adequadamente chamado de formação, conforme Platão a definiu pela primeira vez em um sentido metafórico, referindo-se ao ato de educar (JAEGER, 2001). Ou seja, percebe-se claramente aqui a indissociabilidade de corpo e alma enraizada na construção desta ação consciente.

E tal ação só pode ser consciente, na medida em que todo o processo de desenvolvimento humano está em sua perfectibilidade, na certeza de que é possível se aperfeiçoar, transformar-se e se tornar um ser mais sábio, mais correto e mais belo. Sem esta certeza, não haveria cultura, filosofia nem educação (GOERGEN, 2006, p. 182).

O conceito clássico de educação dos gregos está atrelado diretamente ao ideal de formação de homem que, por sua vez, tem como principal sustentáculo a literatura Homérica. O que sustenta a formação humana na Grécia antiga é a tradição das histórias e feitos na *Ilíada* e na *Odisseia*, especialmente guiada pela ideia de *Aretê*. “Aqui, vale lembrar, que a educação grega é constituída a partir do mito” (VIEIRA, 2018, p. 168).

Homero define *Aretê* como as virtudes morais e espirituais. De acordo com a mentalidade dos tempos antigos, *Aretê* é frequentemente associada à força e habilidade dos guerreiros ou lutadores e acima de tudo, ao heroísmo. No entanto, o heroísmo é entendido não no nosso sentido atual, de ação moral independente da força, mas como algo profundamente conectado à ela (JAEGER, 2001).

Parece no mínimo curioso aceitar que o mito sustenta a ideia de educação grega clássica, entretanto, dois pontos precisam ser observados, a saber: primeiramente que, *Odisseia* e *Ilíada* são consideradas as principais fontes históricas sobre as representações do ideal de formação do homem grego; em segundo lugar, ao perceber que o mito em si configura-se como estrutura não quantificável, inviolável e não passível de crítica, percebe-se que no contexto grego da época era o melhor referencial para guiar a educação.

Assim, a educação dos gregos clássicos, era sintonizada de acordo com a realidade, isto é, próxima ao seu entendimento de Verdade. Nesta esteira, as lutas dos heróis homéricos são as lutas dos nobres guerreiros em busca da *Aretê*.

Importante observar que a principal representação de *Aretê* está no herói Aquiles: “protótipo do perfeito cavaleiro da época homérica, arcaica, cortês, cavalheiresco, de boas maneiras, fino e polido no trato social” (FONSECA, 1998, p. 5). Dito de outro modo, “representante máximo do *Aretê*, ou seja, de todas as qualidades físicas, espirituais e morais, o ideal do modelo do homem perfeito” (VIEIRA, 2018, p. 169). Deste modo, parece claro que a prática constante do exercício das habilidades morais também estava no físico e serviam como suporte ao desenvolvimento da *Aretê*. Afinal, o tipo ideal de homem grego estava muito relacionado às suas capacidades e habilidades em luta.

A luta corporal fazia parte da cultura grega clássica, ou helênica. Sua base educacional – os contos homéricos – em especial a *Ilíada*, evidencia que o caráter do tipo ideal de homem está associado à sua índole guerreira. Importante salientar que o papel significativo é atribuído às lutas corporais sistematizadas no trato moral.

Neste cenário, as artes marciais e os esportes de combate recebem uma atenção especial. Com sua tradição, filosofia e princípios éticos, eles oferecem oportunidades para transmitir ideais nobres, valores e padrões de comportamento altamente valorizados e tão esperados não apenas no esporte

contemporâneo, mas na vida como um todo (CYNARSKI, 2006, 2014; DABROWSKI; MAJCHER; CYNARSKI, 2002; KOZDRAS, 2019; SZYSZKO-BOHUSZ, 2001). Fala-se, afinal de uma sociedade altamente combativa com diversos conflitos e guerras ao longo de sua existência, até sua derrota contra os macedônios.

É importante ressaltar a influência cultural neste processo, devido aos contos de Homero, ou de um grupo de *aedos* (poetas) que fizeram estas histórias cruzarem as gerações como nos sugere Vidal-Naquet (2000), onde Aquiles teria aprendido do centauro Quíron, não apenas as perícias físicas e atléticas, como também teria completado sua formação na arte de tocar a lira e cantar. Este era, então, o modelo no qual a aristocracia helênica se baseava para educar seus jovens.

Já com relação à *Paideia*, observa-se que é um termo que vem do grego antigo e era utilizado para resumir o conceito de educação na sociedade clássica grega. Originalmente, a palavra, que deriva de “*paidos*” (que significa criança em grego), era usada para se referir à “educação dos meninos”, abordando a educação dentro da família, boas maneiras e princípios morais. Este era um método de formação que visava educar tanto o corpo quanto a mente, com base nas atividades relacionadas à cultura e filosofia grega (MENEZES, 2023).

Corpo e mente eram integrados em um método que, apesar das mudanças ao longo dos séculos, influenciou toda a forma de entender o papel da educação. Até hoje, a educação mantém a ideia de utilidade social, como um meio de transmitir conhecimento, capaz de promover transformações tanto no indivíduo quanto na coletividade. A ênfase dada à formação dos jovens e seu método não eram uniformes em toda a Grécia. Essa variação ocorria devido às atividades desenvolvidas em cada *polis* (cidades-estados) (MENEZES, 2023).

O homem helênico tinha na figura de seus reis, como o mítico Ulisses (*Odisseus*), um exemplo tão importante quanto o de heróis como Aquiles. Nas sociedades arcaicas esse aristocrata, eventualmente na figura dos primeiros reis, possuía uma função diferente da figura do rei ou do aristocrata medieval ao qual estamos acostumados. Esses reis iam para a *front* de batalha nas guerras, liderando diretamente as ações de seus exércitos, e eventualmente se sacrificavam pela *polis* nesses combates e em outros episódios sacrificiais Wilber (2010) explica que:

Entretanto, o que é admirável nesses primeiros reis “divinos” não é a sua transcendência, mas sua firme dedicação à visão de mundo mítica. Esses reis mais antigos, frequentemente se submetendo ao regicídio ritualista, serviram a uma função integrativa para a sociedade e tenderam a ser subservientes a essa função. Essa subserviência é evidentemente resumida nos ritos sacrificatórios, aos quais, não importando quão selvagens fossem, o rei se submetia voluntariamente, para que o pensamento da mentalidade mítica exercesse uma função necessária: ele morria por sua *pólis*. Pela lógica paleolítica, o rei-deus, cônjuge da Grande Mãe, tinha de morrer ou a vida seria extinta completamente. O rei, também, acreditava devotamente nisso e submetia-se a seu dever cívico. Assim, embora os primeiros reis “divinos” mais antigos possam não ter sido verdadeiramente Divinos, não eram ainda políticos coniventes (WILBER, 2010, p.231).

Portanto, antes de tudo, a educação estava atrelada ao sentimento de dever, compromisso, obrigação para o Estado (*pólis*) e família, núcleo do primeiro. Daí a ideia da competição, em ser melhor na guerra e na paz e, para isso, a busca incessante pelo alcance da excelência era natural daquele que aprendeu ao longo de sua vida a lutar pelos seus com coragem.

A sociedade feudal japonesa: o *Bushidô*

A educação na primeira fase da Era Feudal japonesa, também conhecida como o período Kamakura, era marcada por uma relação de troca entre senhores e vassalos, onde terras e seus direitos de uso eram

concedidos em troca de lealdade e serviços militares. Neste período, a casta militar (*buke*), substituiu o Imperador e a casta aristocrática (*kuge*) como a detentora do poder nacional. Os Xogunatos, regimes controlados pelos militares e liderados pelo Generalíssimo (*shogun*) concediam terras aos seus seguidores fiéis, que eram então administradas por funcionários públicos, os administradores (*jitos*) e os condestáveis (*shugos*). Com o tempo, esses administradores, governando longe do centro do poder, acumularam mais autoridade, com muitos se tornando grandes proprietários de terras (*daimyo*) e desafiando a autoridade dos líderes militares locais com seus próprios exércitos privados formados por guerreiros sob contrato (*ronin*) (CARTWRIGHT, 2019; OKAMOTO, 2018).

A educação no Japão começou com a introdução da escrita chinesa no século VI. Inicialmente limitada às classes altas, a educação se expandiu para a população em geral no Período Edo, com escolas específicas para *samurais* e escolas mistas ensinando escrita, leitura e aritmética. A educação japonesa foi fortemente influenciada pelos valores morais do Confucionismo, incluindo amor à pátria, respeito aos mais velhos, amor filial, coragem, benevolência e, acima de tudo, reverência e lealdade ao Imperador (CARTWRIGHT, 2019; OKAMOTO, 2018; YAMASHIRO, 1993).

Kakumyô (2009) enfatiza que o termo *Bushidô* foi criado dentre e pelos próprios *bushi* (guerreiros medievais japoneses) para refletir sobre o seu próprio “caminho de vida” como guerreiros profissionais, bem como para abranger tanto os seus valores quanto a aproximação de perspectiva moral da sua prática. Que o termo *Bushidô* veio a uso ainda no período Tokugawa (1600-1868), porém, que outros termos já eram usados para denotar a vida guerreira como “*tsuwamono-nomichi*” (o caminho do soldado), “*yumiya-no-nara*” (os costumes do arco e da flecha), “*kyuba-no-michi*” (o caminho do arco e cavalo) e “*shidô*” (o *ethos* do guerreiro do período Tokugawa), sendo todos esses pré-termos do que veio a ser posteriormente popularizado como *Bushidô*.

De acordo com Santiago (2023), *Bushidô*, portanto, que se traduz do japonês como “caminho do guerreiro”, era um código de ética não formalizado que orientava a vida dos guerreiros japoneses, conhecidos como *samurai*, no período feudal japonês. Este código estava profundamente enraizado na sua história, particularmente nos guerreiros dos períodos Heian (794 a 1185) e Tokugawa (1603-1867). As virtudes fundamentais deste código eram conhecidas como *Gojo no Toku* (cinco virtudes eternas), que compreendiam cortesia, justiça, sabedoria, bondade e sinceridade. Tratam-se das mesmas virtudes ensinadas no confucionismo e neo confucionismo (FROSI; OLIVEIRA, 2019).

Além destas, a visão de mundo do guerreiro japonês foi influenciada pelo budismo com o desapego à morte e às paixões. O xintoísmo marca essa visão com conceitos como lealdade, patriotismo e veneração aos ancestrais. A obra mais significativa sobre o *Bushidô* é o *Hagakure* (folhas ocultas, em japonês), escrita por Yamamoto Tsunetomo, um samurai do século XVII. Ali, uma série de relatos expressam as virtudes e essa visão de mundo sem uma sistematização clara ou estrutural de um método educacional. No entanto, é crucial entender que o *Bushidô* não surgiu dos onze volumes do *Hagakure*. Na verdade, o *Hagakure* é que surgiu do *Bushidô*. Este trabalho é o registro escrito do que já existia na alma do povo japonês (SANTIAGO, 2023).

Atualmente, os valores do *Bushidô*, os quais também serviram de inspiração e foram ressignificados junto ao processo de institucionalização das artes marciais tradicionais do Japão (*Budô*), têm sido utilizados para agregar valor às modalidades de lutas, artes marciais e esportes de combate, atribuindo-lhe um caráter pedagógico e de educação em valores por meio dos movimentos das lutas corporais (FERREIRA et al., 2022; FROSI; OLIVEIRA, 2019).

Aretê e Bushido: discussão

Aretê e *Bushidô*, apesar de surgirem de culturas e tempos distintos, têm várias similaridades em seus princípios e metas. Ambos são códigos de ética que buscam a excelência moral e física, e ambos utilizam a luta corporal como um meio para atingir esses ideais. Seguem algumas das similaridades entre *Aretê* e *Bushidô*:

a) União entre corpo e espírito: Tanto a *Aretê* quanto o *Bushidô* destacam a ligação entre o corpo e o espírito. Eles acreditam que a excelência física e moral estão interconectadas e que uma não pode existir sem a outra (SPINELLI, 2014);

b) Luta corporal como meio de expressar virtudes e valores morais: Ambos os códigos veem a luta corporal não apenas como uma forma de treinamento físico, mas também como um meio de cultivar virtudes e valores morais. Através da disciplina e do rigor do treinamento físico, os indivíduos aprendem a desenvolver qualidades como coragem, resiliência, autocontrole e respeito;

c) Formação do cidadão: *Aretê* e *Bushidô* também se preocupam com a formação do cidadão. Eles acreditam que, ao cultivar a excelência moral e física, os indivíduos podem se tornar melhores cidadãos, capazes de contribuir positivamente para a sociedade.

Portanto, apesar de suas origens diferentes, *Aretê* e *Bushidô* compartilham uma preocupação comum com a excelência moral e física e a formação do cidadão. Ambos veem a luta corporal como um meio importante para alcançar esses objetivos.

Curiosamente esta percepção aproxima-se do conceito mente/corpo tradicional do *Budô*. Atualmente o *Budô* é um termo japonês para designar artes marciais como *Judô*, *Karate-Dô*, *Aikidô*, *Kendô*, *Kyudô*, *Sumô*, entre outras inclusive o termo é usado como distinção de práticas de cultura física no sistema educacional japonês. Seu conceito traz elementos de formação moral por meio educativo através da prática das lutas japonesas, como afirma Sasaki (2008). Os japoneses veem as artes tradicionais e o *Budô* como caminhos de aprimoramento das capacidades físicas e do caráter das pessoas.

Tendo em vista a indissociabilidade entre mente/corpo da tradição japonesa, há um processo a ser buscado onde ocorre a união entre nossas dimensões interna e externa. Esse processo é conhecido como *Shin-shin-toitsu*, e no contexto do *Budô*, não é apenas sobre a treinar para a aquisição de técnicas, mas uma forma de romper com a dualidade mente-corpo (DAVEY, 2001). Esse é um conceito de realização dentro da visão neo confucionista que tem nas práticas dos caminhos (*Dô*) uma forma de alcançar essa união interior-exterior.

A união entre mente e corpo, interno e externo, só ocorre quando as lições aprendidas nos Caminhos, por exemplo as lutas japonesas, se transformam em prática constante. A prática constante, que ocorre a todo momento em nossa vida diária, é chamada *Shugyo*, e geralmente é traduzida como “treinamento”. Porém, aqui, é importante considerar a semântica das diferentes palavras para “treinamento” no idioma japonês. No contexto das artes marciais, existem duas palavras que se referem a essa atividade, mas com sentidos quase opostos. A primeira é *keiko*, que se refere a uma sessão de treinamento comum, onde as pessoas se reúnem em um horário específico para se aperfeiçoar. A segunda é *Shugyo*, que não envolve tempo, que deve ocorrer ao longo de todo o nosso dia, deve ser constante. *Shugyo* está ligado à realização das atividades diárias com o objetivo de se aperfeiçoar em todas elas. Pode ser melhor traduzido como “jornada de treinamento”, pois tem suas raízes na antiga expressão *samurai* de “jornada do cavaleiro” ou *Musha Shugyo* (GOZO, 2010).

Quando um guerreiro japonês decidia se aperfeiçoar, ele fazia isso viajando pelo Japão e desafiando mestres espadachins de diferentes localidades. Essa jornada, que às vezes custava a vida ou proporcionava as honras de um formidável guerreiro (*bushi*), era o *Musha Shugyo*. No *Budô* contemporâneo, isso foi reinterpretado para uma atenção e treinamento constantes. O *budôka* está sempre atento à sua forma de respirar, caminhar, manter a postura e ao seu comportamento reto. Assim, está treinando o tempo todo, mesmo que não esteja executando técnicas de artes marciais.

Segundo Nunes (2012), o *Bushidô* se fortaleceu graças aos bons resultados do Japão nas Guerras Sino-Japonesa (1894-1895) e Russo-Japonesa (1904-1905). Porém isso ocorreu em uma versão reinventada com adaptações do código europeu de cavalaria com valores cristãos adaptados ao contexto dos guerreiros da Europa daquele tempo. Quando Inazo Nitobe (1862-1933) publica o livro “*Bushido: The Soul of Japan*” (*Bushidô: A Alma do Japão*), em 1899, o *Bushidô* reinventado se torna predominante como expressão do ultra nacionalismo e imperialismo japonês no período pré-guerra, se afastando do *samurai* histórico

e se aproximando de uma construção artificial para favorecer estes movimentos geopolíticos. Isso causa desafios até hoje pois, ao invés de as virtudes neo confucianas serem opções de ações socioeducativas nas aulas de *Budô*, muitos instrutores ocidentais sem saber, ensinam a distorcida versão de Nitobe com suas sete virtudes.

Reinterpretado nos tempos modernos por Nitobe, seu *Bushidô* é um registro histórico da criação de um sistema ético instrumental, artificialmente construído em um processo nacionalista que reivindica figuras do passado mítico. Em um contexto específico, a ética dos *samurai* influenciaria a liberdade individual, com o povo aceitando uma tradição inventada como verdadeiramente constitutiva de seu passado histórico (NUNES, 2012).

Aqui, mais uma possível convergência entre as tradições ocidentais e orientais. Assim como havia no homem grego uma notável valorização pelo desenvolvimento das habilidades guerreiras e coragem heroica, também encontramos isso no *Bushidô*. Contudo, o código japonês era um conceito. Diferentemente dos gregos, onde os exemplos advinham da tradição oral e posteriormente foram sintetizadas por Homero, séculos depois dos possíveis acontecimentos, e chegando à forma escrita, o *Bushidô* concentrava-se apenas na oralidade, um acordo tácito.

Conforme Sugai (2000), o *Bushidô* não era um documento formalizado, exceto em algumas anotações esparsas. Eram os princípios éticos que orientavam o comportamento dos guerreiros, aprimorados através de vivências e experiências ao longo de centenas de anos e passados aos mais jovens como modelo para a formação do espírito *samurai*. Isso é o que Yamamoto Tsunetomo (1659-1719) já esclarece na introdução do manuscrito *Hagakure*, do século XVII, considerado o primeiro registro escrito do *Bushidô* (TSUNETOMO, 2004). Portanto, por séculos, esse conjunto de valores, representações e práticas foi transmitido e compartilhado oralmente.

O samurai deveria seguir esse código de conduta que indicava o caminho em seus hábitos diários, alertando para aspectos como ética, disciplina, respeito, lealdade e honra. Ele não deveria temer a morte, e sim encará-la como uma forma de renascimento (MARTINS; KANASHIRO, 2010, p. 642).

Já a *Aretê* “representa um ideal que serve de modelo para a formação do homem ‘perfeito’, através do aperfeiçoamento do corpo, da alma, da oratória, das boas ações e da ética” (VIEIRA, 2018, p. 171). E percebemos aqui uma forma de duas diferentes culturas incluírem em sua visão de mundo uma série de elementos que tentam dar conta de formar o ser humano de maneira a sistematizar um caminho que inclui as grandezas do Bom e do Belo.

A ideia com este material não é reforçar estereótipos. Pretende-se evitar o discurso hipervalorizado do “outro” e a dicotomia nós x eles característico do orientalismo.

Considerações finais

A educação dos jovens na sociedade atual precisa ser revista. Observa-se que nos dias atuais que as crianças possuem um acesso livre a uma grande quantidade de informações, através da *internet*, televisão, jogos eletrônicos e afins. Junta-se a isto o fato de que os pais, para garantir o futuro de suas famílias, trabalham cada vez mais e acabam se tornando ausentes. Sendo assim, não há quem possa auxiliar essa criança a filtrar tanta informação, principalmente se a mesma está repleta de conteúdos de cunho sexual e violento, onde muitas vezes mostra-se o desonesto sendo invencível e o criminoso um exemplo de vida.

Tanto na Grécia quanto no Japão antigos, a violência era explícita, guerras apareciam em todos os cantos, as crianças cresciam com essa mesma tendência violenta, entretanto aqueles com acesso à educação recebiam exemplos de como controlar os impulsos, quando era apropriado se utilizar da

agressividade e quando não. Esta educação em valores as transformava em guerreiros que lutavam por uma causa, fosse para a proteção de suas famílias ou para o bem de suas sociedades. É certo que os métodos de ensino utilizados na época da Hélade e no Japão antigos não podem ser aplicados *ipsis litteris* na atualidade, mas sua essência pode ser uma inspiração.

A *Aretê*, a *Paideia* e o *Bushidô*, princípios fundamentais da pedagogia na Grécia Antiga e no Japão feudal, trazem lições importantes para a educação moderna, atualmente esquecidos, tais como: i) Busca pela Excelência (*Aretê*): Este antigo conceito grego de perseguir a excelência em todos os aspectos da vida pode ser incorporado à educação atual para motivar os estudantes a atingir seu máximo potencial; ii) Educação Integral (*Paideia*): A *Paideia* destacava a importância de uma educação completa que englobasse o desenvolvimento físico, mental e moral. Isso ressalta a relevância de uma abordagem equilibrada à educação que valorize todos os aspectos do desenvolvimento humano. Nas lutas revigora a necessidade de não se abordar apenas conteúdos técnico-táticos, mas também os conteúdos histórico-culturais e os socioeducativos; iii) Código de Ética (*Bushidô*): O *Bushidô*, ou “caminho do guerreiro”, sublinha a importância de viver de acordo com um código de conduta moral e ético. Isso pode ser traduzido na educação contemporânea como a necessidade de ensinar valores e ética, além de habilidades acadêmicas; iv) Respeito e Reverência: Tanto a *Aretê* quanto o *Bushidô* enfatizam o respeito pelos outros e a reverência pelas tradições e autoridades. Isso destaca a importância de ensinar o respeito e a empatia na educação atual.

Embora sejam conceitos antigos, eles ainda são relevantes e podem oferecer valiosas perspectivas para a educação contemporânea. Esses princípios podem ser ensinados durante as atividades, explicando o porquê não se poder machucar o colega durante o jogo, mesmo que isso o impeça de vencer. Trabalhar em grupo não se importando com cor, formato ou qualquer tipo de diferenças entre as pessoas, acreditar nos bons sentimentos que podem aflorar durante uma prática artística e livrar-se dos ruins.

Nos últimos minutos das aulas poderiam ser reservados para fazer uma interpretação de informações acessadas pelos jovens, como desenhos animados e filmes violentos, músicas com letras pejorativas ou de cunho sexual, a violência urbana que aparece constantemente nos meios de comunicação, preconceitos étnicos e religiosos, egocentrismo que reverbera em atitudes violentas no grupo, assim ajudando os jovens a discernirem sobre o comportamento.

Essa conscientização é muito importante, pois se houver a possibilidade de trazer os estudantes a essa clareza há uma esperança para melhorar a sociedade. Sendo o educador o vetor principal deste processo, deve agir através do exemplo, como preconizavam os princípios da *Aretê* e do *Budô*. Estes podem ser ferramentas poderosas para uma educação para a Paz.

É possível também afirmar que o discurso de valores, virtudes e princípios arraigados às práticas corporais e tão difundido na contemporaneidade para justificar sua existência, advém de uma reprodução daquilo que era tido como essencial ao guerreiro valoroso, curiosamente observado de forma muito similar em localidades distantes milhares de quilômetros.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

ASSUNÇÃO, M. R. L. **Educação para uma formação cidadã: uma análise do discurso político pedagógico na Paidéia clássica ateniense (Século V–IV aC)**. 2018. - UEMA, [s. l.], 2018.

BURKE, P. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

- CARTWRIGHT, M. O **feudalismo no Japão Medieval**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1438/o-feudalismo-no-japao-medieval/>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- CYNARSKI, W. J. Moral values, and the people of the noble way of martial arts. **Ido Movement for Culture**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 1–10, 2014.
- CYNARSKI, W. J. **Recepcja i internalizacja etosu dalekowschodnich sztuk walki przez osoby cwiczace [The reception and internalization of the ethos of Far-Eastern martial arts by those who practice them]**. Rzeszow: Rzeszow University Press, 2006.
- DABROWSKI, A.; MAJCHER, P.; CYNARSKI, Wojciech J. Socjalizacyjne i edukacyjne walory sportow walki - na przykladzie judo [Socializing and educational values of combat sports – with reference to judo]. In: DABROWSKI, A.; JASINSKI, T.; KALINA, R. M. (org.). **Sporty walki w edukacji dzieci i mlodziezy. Perspektywa metodyczna [Combat sports in education of children and young people methodical perspective]**. Novum: Plock, 2002. p. 115–123.
- DAVEY, H. E. **Yoga Japonesa: o caminho da meditação dinâmica**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2001.
- FERREIRA, H. S. et al. Artes marciais e educação física escolar: o budô como conteúdo pedagógico. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, [s. l.], v. 27, n. 289, p. 26–41, 2022. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/3068>. Acesso em: 27 jun. 2022.
- FONSECA, M. J. **A Paideia grega revisitada**. [S. l.]: Milelenium, 1998.
- FROSI, T. O.; OLIVEIRA, M. A. O Bushido na prática: o caso da educação em valores no Karate Shotokan. In: SANTOS, Sérgio Luiz Carlos dos (org.). **Bushido e artes marciais: contribuições para a educação contemporânea**. 1. ed. Curitiba: CRV, 2019. p. 115–132. *E-book*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336409377_O_Bushido_na_pratica_o_caso_da_educacao_em_valores_no_Karate_Shotokan_The_Bushido_in_practice_the_case_of_values_education_in_Shotokan_Karate.
- GOERGEN, P. De Homero e Hesíodo ou das origens da filosofia e da educação. **Proposições**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 181–198, 2006.
- GOZO, S. **Aikido Shugyo: harmonia no confronto**. [S. l.]: Pensamento, 2010.
- JAEGER, W. **A formação do homem grego**. São Paulo: Fontes, 2001.
- KAKUMYÔ, Kano. From Bushidô to Budô. In: NIPPON BUDOKAN. **Budô: The martial ways of Japan**. Tokyo: Shusansha, 2009.
- KOZDRAS, G. Education in moral values of JUDO school students. **Ido Movement for Culture**, [s. l.], v. 19, n. 1, p. 50–54, 2019.
- MARTINS, C. J.; KANASHIRO, C. Bujutsu, Budô, esporte de luta. **Motriz**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 638–648, 2010.
- MENEZES, P. **Paideia Grega**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/paideia/>. Acesso em: 4 nov. 2023.
- NUNES, G. P. **O Bushidô na visão de Nitobe: a construção de uma identidade nacional a partir de um sistema ético**. 2012. - Universidade de São Paulo, [s. l.], 2012.
- OKAMOTO, M. S. A educação ultranacionalista japonesa no pensamento dos nipo-brasileiros. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 225–243, 2018.
- PIMENTEL, A. **O Método da Análise Documental: seu uso numa pesquisa historiográfica**. Cadernos de Pesquisa. N. 114, p. 179-195, Nov. 2001.
- RAMOS, J. E. M. **Problemas da educação no Brasil**. [S. l.], 2023. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/educacaobrasil/problemas_educacao.htm. Acesso em: 7 nov. 2023.
- RIBEIRO, C. **Educação no Brasil: 5 principais obstáculos enfrentados pelo sistema educacional**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://noticiasconcursos.com.br/educacao-no-brasil-5-principais-obstaculos-do-sistema-educacional/>. Acesso em: 7 nov. 2023.
- SANTIAGO, E. **Bushido**. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://www.infoescola.com/japao/bushido/>. Acesso em: 4 nov. 2023.

- SANTOS, L. C. T. A atividade física e a construção da Corporeidade na Grécia antiga. **Journal of Physical Education**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 73–77, 1997.
- SANTOS, B. A. G. **Filosofia das Virtudes**. Pelotas: NEPFIL Online, 2022.
- SASAKI, T. Budo (the martial arts) as Japanese culture. The outlook on the techniques and the outlook on the human being. **Archives of Budo**, [s. l.], v. 4, p. 46–49, 2008. Disponível em: <http://www.archbudo.com/fulltxt.php?ICID=868359>.
- SPINELLI, M. A aretê filosófica de Platão sobreposta à do éthos tradicional da cultura grega. **Revista Archai**, [s. l.], n. 12, p. 169–181, 2014. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/27883>.
- SUGAI, V. L. **O caminho do guerreiro: a contribuição das artes marciais para o equilíbrio físico e espiritual**. São Paulo: Editora Gente, 2000.
- SZMYD, J. The flow of higher values in a globalized world. Notes based on the example of the homocreative arts. **Ido Movement for Culture**, [s. l.], v. 13, n. 3, p. 7–14, 2013.
- SZYSZKO-BOHUSZ, A. Etyka adeptów sztuki walk wschodnich w epoce cywilizacji naukowo-technicznej [Ethics of Eastern martial arts adepts in the era of scientific and technical civilization]. **Ido Movement for Culture - Journal of Martial Arts Anthropology**, [s. l.], v. 2, p. 9, 2001.
- TSUNETOMO, Y. **Hagakure: o livro do Samurai**. São Paulo: Conrad, 2004.
- VIDAL-NAQUET, P. **O Mundo de Homero**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.
- VIEIRA, P. E. Gênese da educação grega: da areté homérica à Paideia clássica. **Filosofia e Educação**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 166–183, 2018.
- WILBER, K. **Éden - Queda ou Ascensão?** uma visão transpessoal da evolução humana. Campinas: Verus, 2010. 460p.
- YALOURIS, N. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. 1. ed. [S. l.]: Odysseus, 2004.
- YAMASHIRO, José. **História dos Samurais**. São Paulo: Ibrasa, 1993.